

A. C. u.º 1233

JOÃO D'ANDRADE CORVO

Je sortais de l'enfance, je naissais à la pensée,
j'étais de sang royaliste.

LAMARTINE: *Hist. de la Restauration.*

I

João d'Andrade Corvo nasceu em Torres Novas a 30 de Janeiro de 1824. Uma biographia em regra, academica, derivada de boas fontes (como diria um biographo de profissão) faria aqui o elogio historico da humilde villa natal do nosso amigo, juntar-lheia a lista geral dos varões prestantes que a illustraram, e cairia da pompa das suas archeologicas investigações dando por extenso aos leitores a certidão authentica de baptismo do illustre professor da Escola Polytechnica.

O nosso empenho é mais modesto. O leitor que desejar saber quaes foram os brinquedos infantis d'Andrade Corvo, que sorriso melancholico o denunciou poeta logo ao sair do berço, que flor da campina lhe mereceu os primeiros affectos, ou que estrellas do ceu lhe conquistou o primeiro olhar amoroso, enganase redondamente. João d'Andrade Corvo é um homem serio que não inventa impressões retrospectivas, nós, um humilde biographo que não sabemos improvisar chimeras, nem devassar a innocencia da infancia com a buenadicha cigana de officiosas conjecturas.

O desenlace da nossa triste lucta civil, em 1834, veio encontrar Andrade Corvo ainda em Torres Novas, na companhia de seu pae, antigo official de cavallaria ao serviço das idéas rea-

listas. É d'esta época de luctos, de vinganças e de ruins paixões, época igual ás de todos os paizes que se reconstruem, que restam ainda hoje no animo d'Andrade Corvo as primeiras impressões da infancia. O lar domestico, até alli tranquillo e descuidado, é-lhe testemunha da violencia e desvairamento do partido que ainda então era o vencedor. Crente no abrigo, tido por seguro da casa de um realista, a ella se acolhe um pobre constitucional acoçado pela furia partidaria de uns milicianos. As portas que sobre o fugitivo se fecharam, são arrombadas; invadido o santuario da familia; escarnecidas as leis da hospitalidade! O perseguido póde evadir-se, mas as suas supplicas e as suas lagrimas ficam para sempre gravadas na memoria d'Andrade Corvo como um protesto contra a exaltação e ebriedade das facções. «É desde esse dia (confessa ingenuamente Andrade Corvo, nos apontamentos que fez o favor de nos confiar) que nasceu no meu espirito um odio invencivel para as violencias politicas, e uma antipathia violenta contra o partido de D. Miguel, a que pertencia a minha familia toda.»

Qual de nós, filho d'este seculo de lucta, de movimento, de revoluções, de catastrophes, de sonhos e de utopias, não conserva no espirito uma saudade ou uma antipathia, uma esperanza ou uma recordação dos tempos que passaram? A historia contemporanea não existe já, segundo a phrase arrojada de Lamartine. Os acontecimentos precipitam-se de tal maneira, que os homens e as coisas somem-se na voragem geral, deixando só no animo do observador as fugitivas impressões que precederam ou seguiram o triumpho das grandes idéas.

Dias depois da scena que acima acabamos de narrar, entrava em Torres Novas a divisão commandada pelo marquez de Saldanha, e o pae d'Andrade Corvo partia á frente da cavallaria de Chaves a reunir-se em Santarem ao grosso das forças do exercito realista, não sem primeiro ter tentado a sorte das armas, batendo-se braço a braço nas ruas de Torres Novas com os lanceiros da divisão constitucional. Pela cortesia cavalheirosa innata no coração do soldado, poudo a mãe d'Andrade Corvo ouvir da propria boca dos vencedores a narração da peleja, e a certesa, consoladora para uma esposa, de que a morte não viera enlutar o berço de seu filho unico!

II

A convenção d'Evora-Monte, pondo termo á guerra civil, trouxe para Lisboa toda a familia d'Andrade Corvo, e este para a com-

panhia do general Nuno Augusto de Brito Taborda, irmão de sua mãe, que se encarregou bondosamente da sua educação.

A este tempo Andrade Corvo sabia apenas ler, e era um horror em calligraphia, prenda que tem conservado até hoje, como prova para me não deixar mentiroso a assignatura que acompanha o seu retrato, e que, seja dito sem maldade, foi para elle um esforço de apuro, um heroismo de vaidade offendida, porque o nosso polytechnico não é dos que tomam a ruim lettra como indício de uma capacidade superior.

Foi pois guiado por seu tio que Andrade Corvo seguiu os cursos de instrução secundaria, e mais tarde os das escolas especiaes. É a elle, exclusivamente a elle, que o nosso amigo deve a sua actual e brilhante posição no magisterio, e os bons creditos que possui de homem de letras talentoso, e de cultor das sciencias activo, sagaz e util, rara esta ultima qualidade nos sabios da nossa terra, que rolam como uns ouriços por cima do thesouro publico, trazendo em cada espinho uma commissão rendosa para si mas desaproveitada para o paiz que os vê medrar em honras e em inercia tambem.

É d'este tio que Andrade Corvo nos deu nos seus apontamentos o seguinte retrato, mais eloquente na desaffectedada simplicidade da gratidão que o inspira, que as phrases procuradas por nós para encarecer o serviço por elle indirectamente prestado ás letras, na direcção paternal dada aos estudos e ás inclinações litterarias de seu sobrinho.

Ouçamol-o a elle :

«Meu tio é um antigo militar, instruido, que ama as letras e as artes, que comprehende e sympathisa com todas as manifestações da civilisação, e tem em alto apreço todas as produções da intelligencia. Sendo ainda muito novo foi para o Brazil na qualidade de ajudante de ordens do conde de Villa-Flor, depois duque da Terceira, nomeado capitão-general; ahi se estreitou a amizade entre meu tio e o duque, amizade que nunca mais esqueceu nem a um nem a outro. Voltando do Brazil, aonde subira em postos, obteve ainda muito novo o commando de um regimento. Ligado ao partido de D. Miguel, elle não fez senão mostrar sempre um espirito superior ás ruins paixões da politica. Servindo como militar obediente no exercito realista, o seu animo esteve sempre ligado ás unicas idéas nobres que podem guiar a humanidade— ás idéas de liberdade e de progresso. Quando aquella cegueira que a Providencia inflige aos partidos reaccionarios, na hora em que os quer aniquillar, arrastava o partido de D. Miguel a irremediavel ruina;

«quando já a continuação da guerra não era mais de que um «esteril sacrificio de sangue, meu tio embainhou a espada, e «confiando-se da velha amisade do duque da Terceira, veio para «Lisboa. Desde essa época meu tio tem-se constantemente con- «servado afastado de todas as coisas publicas; mas o seu espi- «rito acompanha com a mais viva sympathia as vicissitudes da «civilisação e da liberdade em Portugal.»

«Foi elle quem me deu as primeiras lições de latim, e que me «ensinou o francez. A musica, arte porque meu tio tinha uma «verdadeira paixão, foi tambem elle que m'a ensinou.»

Um tal sr. Pereira, que a lettra redonda commemora hoje pela primeira vez, especie de Quasimodo nobilitado em pianista, fôra quem iniciára Andrade Corvo nos rudimentos da arte musical, estortegando sem piedade, mas com um enthusiasmo apollineo, as teclas pacientes de um humilde piano de cinco oitavas. Felizmente o tio d'Andrade Corvo accudiu ainda a tempo para reparar no ouvido do sobrinho os estragos produzidos pelos extasis lyricos do velho mestre de capella. Feita esta justiça posthuma á memoria do sr. Pereira passemos adiante.

Os estudos preparatorios d'Andrade Corvo foram, como elle proprio confessa, feitos com irregularidade, e até não confiando demasiado a sua familia nos seus futuros progressos. Eu de mim creio, se me é licito conjecturar em coisas serias, que era ainda a sombra do mestre de capella que agourentava os primeiros estudos do nosso amigo. O homem andava de certo raivado lá pelas areias gordas por não ter dado cabo de uma organisação privilegiada. Só assim se póde explicar a doença que o proprio Corvo qualifica de *pasmaceira melancholica*, e que entrou com elle quasi pela adolescencia, trazendo-o dias inteiros tão alheio das coisas da sua idade, como mestre Pereira andava das da sua profissão.

Fosse como fosse, o que é certo é que o mau-olhado do pianista teve fim, e que Andrade Corvo passou a aperfeiçoar-se no latim com um velho professor chamado Aragão, homem que escrevia dramas com a mesma profusão com que uma delambida de terceiro andar escreve cartas de namoro. O repertorio dramatico do poeta Aragão (felizmente inedito na sua quasi totalidade) era de pedir meças em numero ao de Lopo de la Vega, o que não impedia que o homem soubesse soffrivelmente o seu latim, e chorasse, como uma boa alma que era, ao ler as ternuras pastoris de uma ecloga de Virgilio. As lições de latim do inoffensivo pedagogo terminavam sempre pela leitura de um soneto de lavra propria, que Andrade Corvo aguentava com a resi-

gnação paciente com que um christão novo ouvia uma predica de caridade nos carceres do Santo Officio.

Em S. João Nepomuceno passou Andrade Corvo a aprender philosophia com o distincto professor Xavier, de que todos os seus discipulos guardam ainda hoje grata e veneranda memoria. A uma bonomia verdadeiramente paterna, juntava o professor Xavier um methodo de ensino ao alcance das verdes intelligencias dos seus ouvinte's, e apesar de ser um encyclopedista de lei, a consciencia dos seus deveres professionaes moderava-lhe sempre o impeto da palavra, e o desabafo irreflectido das proprias crenças.

No collegio militar tive eu n'este mesmo anno por condiscipulo a Andrade Corvo na aula de inglez, de que bom era me lembrassem hoje tanto as lições como me recorde das grozas de palmatoadas com que me mimoseou o *spleen* chronico do meu casmurro mestre. Preso no tempo de D. Miguel pelo innocente passatempo de corrector de proclamações liberaes, o nosso inglez esteve vae não vae a despedir-se d'este mundo com uma sova monumental dada por uns caceteiros, que não quizeram saber da nacionalidade do audacioso contraventor das ordens da policia. Se o governo constitucional não triumphava tão cedo teriamos que pagar alguns centos de libras esterlinas pelas arruinadas costellas do meu perseguidor. A jurisprudencia do nosso inglez não passava da pena de Talião, tinha sido zurzido, zurzia tambem sem piedade. Não sei o que Andrade Corvo aprendeu com elle, eu nem o nome do meu carrasco sei escrever. Recordo-me que tinha uns poucos de *ww* o nome d'elle, mas confesso com ingenuidade que os não sei harmonisar com as duas unicas vogaes que espavoridas se viam prisioneiras d'um batalhão de consoantes. O pouco grego que em Portugal se ensinava teve d'elle lições Andrade Corvo com o excentrico Coito, uma das muitas victimas que saiu retalhada do açoite arrieiral do padre José Agostinho de Macedo.

Nunca as mãos doam a quem tantos pedantes escorraçou no seu tempo! O nosso Lacedemonio, chamo-lhe assim pelo que elle era parco.... de idéas, se Aristhophanes o pilha a geito atirava com elle á gargalhada publica n'alguma d'aquellas desabridas comedias de que nem Socrates escapou. O grego do nosso homem estava (dizem os que o conheceram) mais no seu portuguez que no proprio grego, e só assim se explica o ter-se refugiado toda a sciencia que em Portugal existe d'esta lingua n'alguma nota engoiada de um ou outro fazedor de estudos archeologicos.

É de crer que Andrade Corvo fosse um ruim discipulo de

mestre Coito pelo desafrontado que falla ainda hoje a lingua patria.

III

Aos 15 annos entrou o nosso amigo para a escola polytechnica tendo por condiscipulos os srs. Latino Coelho, Fradesso da Silveira, José Horta, e o intelligente conde d'Almoster, filho do marechal Saldanha, que a morte roubou tão cedo ás sciencias de que era zeloso cultor, e á patria que mais tarde devia e podia illustrar, auxiliado pelo seu nome e posição social.

Já senhor de si e estimulado por tão boa camaradagem, Andrade Corvo sentio-se outro nos bancos das novas escolas que se dispunha cursar, com a vontade inflexivel que nunca desde então deixou de empregar em todos os labores do espirito, e em todos os trabalhos da vida pratica. Premiado durante cinco annos em todas as cadeiras de sciencias naturaes, Andrade Corvo mostrou desde logo que mais quadravam á sua poetica organização os amorosos estudos que teem por attractivo os esplendidos mysterios da divindade, revellados em parte ao homem pelo espectaculo grandioso dos céus, e pela sabia harmonia dos seres creados, do que as prosaicas locubrações do calculo differencial, a que o brilhante e paradoxal espirito de Latino Coelho ousou chamar o supremo deleite da intelligencia humana.

Que tem que ver um inigmatico x com as petalas de uma rosa, ou a raiz quadrada de um numero com os milhões de avesinhas matisadas que gorgeiam no espaço o hymno eterno da criação? De que prestam as pautadas deducções de trigometria a par d'este irresistivel enlevo que nos attrahe para a mystica contemplação da natureza, e nos faz subir nas asas da fé ao ideal da terrestre sabedoria — o convencimento de um arbitro supremo do mundo?

Perdõe-nos o nosso brincalhão amigo Latino Coelho, Laplace é um genio, Newton um gigante, mas Deus é Deus, desculpe-nos a sua boa critica esta phrase que cheira ao alkoran, e vale mais estudal-o a elle nas suas obras immorredoiras, do que consumir uma arroba de giz no preto de uma ardosia em procura de uma letra do alphabeto que qualquer creança acha brincando na cartilha do mestre Ignacio.

Andrade Corvo soube tambem tirar-se com applauso de mestres e condiscipulos dos invios sertões das mathematicas puras. Não obteve premios é verdade como nas sciencias suas predilectas, mas foi um estudante muito acima do vulgar, dobrando sem esforço a imaginação á aridez dos compendios escolares, e mettendo o arado laborioso pelas urzes e restolhos de Duhamel e Delaunay.

Completados estes bons e solidos estudos concorreu á substituição da cadeira de botanica, regida então pelo mellifluo mas intelligente professor José Maria Grande, isto na mesma época em que Latino Coelho obtinha a cadeira de geologia, e Fradesso da Silveira a de physica na Escola Polytechnica. Andrade Corvo tinha apenas então vinte annos completos.

Foi já official do exercito, e lente da primeira escola superior do nosso paiz, que Andrade Corvo deu pelos sorrisos travessos da Musa que devia inspirar-lhe os primeiros cantos amorosos. O amor é capaz de inspirar poetas até emboscado por detraz de umas taboas de logarithmos, e foi, por felicidade das letras, exactamente o que aconteceu ao nosso amigo. A discrição não nos permittio indagar os encantos da anonyma Beatriz, mas é de crer que Venus se não affrontasse com a rival, attendendo a que as espumas dos nossos mares não são das mais ferteis em productos acabados do genero da deusa que fez virar o miolo a mais de um immortal. O proloquio popular quem feio ama bonito lhe parece, tem, ia-mos jurar-o aqui, ainda mais verdade para os poetas que para o commum dos amadores.

Que seria das Lauras, das Leonores, das Natercias, das Mari-lias, das Sophias e tantas outras diante de quem a posteridade ainda hoje se desbarreta, se a photographia, a inimiga capital do embuste, existisse já no tempo de Petrarca, de Tasso, de Camões, de Gonzaga e de Mirabeau? O pintor não póde amar mentindo ao publico, nem á consciencia do bello que o inspirou. Os traços indeleveis do pincel ficariam bradando de seculo em seculo contra o máu gosto do immortal Rafael, se a Fornarina do seu grande coração de artista, não fosse ainda hoje para nós o typo acabado de todas as Fornarinas que occupam as insomnias e as alvoradas de todas as imaginações febris, de todas as almas escolhidas que sabem prestar o obulo da admiração ao culto santificado da mulher.

Os poetas esses, coitados, illudidos pela enganosa miragem do enthusiasmo, tiram de si, como o pelicano, o sangue que os extenua martyres aos pés do vaporoso inigma que momentaneamente os levantou acima do vulgacho, dando-lhes com a crença do amor a certeza da immortalidade!

Seja, ou não, providencial esta sina, tenha ou não tenha ella para o nosso caso as grandiosas proporções que a historia assigna a tantos suicidas da propria felicidade, o facto é que foi um amor, ou se querem antes um namoro (um abysmo separa as duas coisas) que fez Andrade Corvo poeta.

Um livro facil, ameno, triste, mas d'esta tristeza que sorri,

7236

como a creança chora, quasi que sem causa, foi o resultado d'esta primeira attracção, que Fourier honraria n'uma classificaçãõ qualquer dos seus phalansterios, n'um grão mais ou menos pudibundo para os ouvidos delicados das leitoras d'esta Revista.

O que ha de positivo em tudo isto é terem os primeiros ensaios poeticos de Andrade Corvo merecido a honra dos conselhos e emendas d'Almeida Garrett, homem que na phrase popular não costumava despende cêra com ruins defuntos. A esta primeira animação, vinda da parte de tão competente juiz, aguilhoou ainda os naturaes instinctos de Andrade Corvo, a existencia de uma associaçãõ atrevida de rapazes, denominada Sociedade Escolástico Phylomatica, de que por muito tempo fizeram parte Rebello da Silva, Thomaz de Carvalho, Daniel Augusto da Silva, Latino Coelho, Lobo d'Avila, Silva Tullio, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Ribeiro de Sá, e muitos outros que não lograram, porque a morte os ceifou em flôr, verem-se atheletas no circo em que haviam entrado como simples curiosos.

Não somos velhos, e já temos que lastimar a fé perdida nas coisas que ainda agora se nos affiguram passadas de hontem! Por nosso presidente honorario (eu era tambem dos Athenienses de 1844) o cardeal patriarcha Frei Francisco de S. Luiz! Por nossos associados honorarios Garrett, Castilho, Herculano, Silvestre Pinheiro, Visconde de Santarem e Sá da Bandeira!

E não pensem os praguentos que estes homens desdenhavam ouvir-nos, não. Tudo passava ali pela fieira das nossas audaciosas polemicas, desde as mais altas questões economicas, até aos mais difficeis problemas moraes da nossa época. Que de criancices, de illusões, de amores, por tudo que a política veio mais tarde esmagar no inglorio embate de mesquinhos interesses, e de mentirosas propagandas!

N'aquelle tempo um discurso de qualquer de nós era um acontecimento notavel do dia, como hoje um boato de união iberica, um processo de moeda falsa, ou a commenda atirada á casa de um negroiro nobilitado.

Os honrados logistas dos arruamentos eram nossos de corpo e alma. Os abrimentos de boca de um algibebe denunciava-nos a hora do chá do honradó burguez, e a sahida estrepitosa de um ourives das salas das sessões, as badaladas da meia noite a cairem por instantes no proximo relógio da Magdalena. E nós com os nossos discursos; as nossas guerras do alecrim e da mangerona; a nossa felicissima incuria do dia de amanhã!

De lá trouxe tambem Andrade Corvo desejos e estimulos. A sociedade tinha um semanario seu, intitulado o *Cosmorama*, en-

cher-lhe as oito paginas era um dever de honra, um empenho de todos os associados; foi n'elle, ao mesmo tempo que n'outro semanario illustrado com lithographias de Sendim, que o nosso poeta se atirou á voragem da imprensa, publicando dois pequenos romances que elle hoje se ufana de ter esquecido até os titulos.

Almeida Garrett, e logo em seguida Mendes Leal, acabavam de triumphar no velho pardieiro da rua dos Condes, um com o seu *Auto de Gil Vicente*; o outro com a maior ovação scenica dos nossos dias *Os Renegados*.

A occasião era tentadora. Andrade Corvo sente-a, deixa as plangentes lastimas do lyrismo, e escreve o seu primeiro drama intitulado *D. Maria Telles*, que Alexandre Herculano festeja n'um magnifico artigo publicado no jornal do conservatorio, e o publico sanciona da platéa, honrando na obra do dramaturgo a voz auctorizada do critico. *D. Maria Telles*, como todas as peças d'aquella época, em que Victor Hugo dava o santo e a senha em coisas de theatro, é um drama da escola romantica, em que o punhal entra por incidente, e o veneno prolonga para agrado publico as agonias das victimas. Lembro-me de ter assistido á primeira representação, e de ver os mortos cairem no ultimo acto, como peras sasonadas. Entre os escolhidos d'esta carnificina romantica, nunca mais se me varreu da memoria uma actriz, peló nome não perca ella, que, ferida de morte nos bastidores, entrava em scena esvoaçando no ar um punhado de lâ vermelha que o contra-regra lhe pregára á pressa no seio, para illusão do publico, e convite de horror contra o tyranno da peça.

A parte estas excentricidades, a que nenhum auctor dramatico quiz então esquivar-se, *D. Maria Telles* é um drama historicamente bem combinado, escripto com todo o vigor da mocidade, e feito calculadamente para um publico que não ia para casa ceiar com gosto, se lhe não amostardavam no theatro a comedia com duas mortes violentas e um sentenciado legal.

Por esse mesmo tempo, e cursando ainda a Escola do Exercito, aonde tambem foi premiado, começou Andrade Corvo a escrever um poema dramatico e fantastico intitulado *D. Gil*, hoje completo, mas que o auctor receia, apesar do amor que confessa ter-lhe, atirar á critica enxovalhada que se faz por ahi a tudo que sai do vulgar, com pasmo de meia duzia de basbaques, que, quando não dormem elles, teem o condão de adormecer os outros. Um poema da familia do *Fausto* ou do *Manfredo*, audacioso, symbolico, methaphysico, seria hoje, na alluvião de quadras chilhas que por ahi se imprimem, uma verdadeira novida-

de, e como tal empenhamos o auctor a não o deixar por mais tempo condemnado á exclusão da vida publica.

A exageração do preceito Horaciano dá a caducidade do fructo antes do tempo proprio da colheita.

IV

São chegados os tempos. De ruim seiva é a arvore que se não deixou baloiçar por todos os zephiros, que não tomou parte, brincando, em todos os festivos murmuriros da natureza, que com as suas folhas, desprendidas ao acaso, não tapetou as sendas que devem pizar os pés descuidosos da virgem. Homem, chegando á idade madura, que ao lançar atraz de si os olhos encontra a vida uniforme, pautada, erma de paixões, é, ou um santo por quem o calendario espera, ou um coração paralytico, morto para todas as sensações moraes, fechado para sempre á todos os intuitos do grande e do bello. Contem-nos embora a tranquillidade de Racine e de Lafontaine, a antiguidade protesta em nome de Anacreonte e de Ovidio, a Italia em nome de Dante, a actualidade em nome... de todos os seus escriptores, contra a perpetua bonança, contra o ceu nunca anuviado das existencias privilegiadas. Que perdão ha de saber o velho dispensar ao adolescente, que balsamo ha de a idade propecta applicar ás feridas de um espirito doente, se o mundo foi sempre para o medico um açafate de flores virentes e perfumadas? O preceito do legislador do Parnazo romano tem applicação directa ás coisas da vida social «se queres fazer-me chorar, chora tu tambem primeiro.» Apostolo que não levontou com as sandalias o pó de muitas miserias, mal poderá inspirar aos seus neophitos a fé ardente das grandes doutrinas, as previsões desassombradas do futuro.

Perdoe-nos o leitor esta digressão, esta capa de velhaco de que usei (se não abusei tambem) para lhe dizer que Andrade Corvo foi, aos vinte e um annos, o que os pedantes chrismam de leviano, entalados elles, os archontes! entre a nullidade que os devora, e a pedagogia que os apalhaça.

Leviano o rapaz que sente e ama! Doido o homem que quebra no festim a taça que lhe inspirou o brinde á deusa ignota a todos os mais convivas! Injuriem, se querem injuriar alguem, o usurario que lhe cõa na mão febril os minguidos ceitís do agio, ou a Aspasia que lhe sorri mentirosa á credulidade dos poucos annos, mas deixem em paz folgar a mocidade, flor que ha de dar fructo, se a não derribar o vento da calumnia.

Andrade Corvo passou rapidamente por este periodo da vida

obrigado de rapaz mas sem levantar mão dos seus estudos litterarios, accrescentando algumas scenas, eccos intimos das proprias impressões, ao seu poema *D. Gil*, e escrevendo um drama em cinco actos intitulado o *Astrologo*, representado tempo depois no theatro normal, e que só se imprimio o anno passado no *Archivo Universal*, e em livro, na imprensa do mesmo semanario. O *Astrologo* é um drama excêntrico, feito mais para a leitura meditada do gabinete, do que para os effeitos rapidos e imprevistos do theatro. O que havia de nubloso e cabalístico na phrase do protagonista do drama não achou pronunciadas sympathias nas platéas do theatro portuguez e um critico, tão joven que ainda n'essa epocha cursava as primeiras cadeiras da Universidade de Coimbra, fez-se o desabrido interprete da opinião que cortezmente se manifestára no publico. Alma doente, existencia desamparada de todos os confortos que retemperam e suavizam o espirito, João Corrêa Harcourt, morria da febre amarella, em 1857, n'uma enxerga do hospital de S. José, indifferente ao passamento, como então noticiaram os jornaes, e sem saudades da vida em que se encontrára orphão logo ao sair do berço.

Recommendado por Lopes de Mendonça á vasta intelligencia, e aos caridosos impulsos do coração de Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi este attico orador, e consummado estadista, que do seu bolsinho ao principio, e mais tarde dos envergonhados dinheiros da policia secreta da Universidade (policia por elle abolida em proveito dos engenhos pobres) que João Corrêa Harcourt recebeu as indispensaveis mesadas com que fez face ás despesas da vida d'estudante. Vindo a Lisboa com o producto dos premios que obtivera no fim do anno lectivo, Corrêa Harcourt, azeitado com a caridade que já o trazia preso a Rodrigo da Fonseca, desprendia a sua irritada bilis em amargos folhetins contra todos a quem sorria a aura popular. João d'Andrade Corvo foi sobre quem mais se exercitou o humor doentio do folhetinista em periodos repletos de malevolencia. É de crér que a sociedade, festejando como devia os talentos do joven escriptor, o trouxesse com o correr do tempo a mais sobrias apreciações sobre o merito alheio, mas a morte não quiz dar-lhe tempo ás suaves expansões de entusiasmo, e arrebatou-o, coitado! vendo tudo atravez do veu lugubre que lhe enluctára a vida.

Juntámos aqui de proposito os nomes d'Andrade Corvo e de Corrêa Harcourt, para exemplo a tantos, que, sem as desculpas que este merece, são nas letras os morcegos que vem de noite perturbar as vigalias dos que estudam, e beber-lhes, para os deixar nas trevas, o azeite da alampada que os allumfa.

D'este pequeno contratempo vingou-se nobremente Andrade Corvo, escrevendo logo em seguida uma chistosa e portugueza comedia intitulada *Um conto ao serão* que se representou no theatro de D. Maria II, com merecido applauso do publico, e da imprensa que a commemorou condignamente. Era não desanimando aos golpes dos adversarios que os atheletas saíam triumphantes do circo. Era aos que nunca paravam na carreira que Pindaro exaltava nas suas odes. É aos que hoje cingem com dignidade os cilicios da critica que a posteridade espera para os enramar de loiros.

Em breve vamos vêr Andrade Corvo separado do remanso dos seus livros, e atirando-se expontaneamente ao sorvedeiro da politica, das polemicas apaixonadas, das desillusões constantes.

Abra-se aqui estádio para lastimar tantas e tão boas intelligencias que temos visto passar successivamente no prestito funebre do jornalismo politico, pingando com a cêra dos brandões mortuarios as mãos que ainda de vespera corriam pelo papel semeando estrophes lyricas, ou talhando no romance graciosas scenas d'amores. No chão arido da politica tem-se encravado mais de uma relha de boas e laboriosas charruas, não conseguindo desprender do solo ingrato senão os abrolhos das malquerenças, e das zizaniãs partidarias. A poesia foge timida dos antros aonde se pleiteia a honra dos homens, e refugia-se, triste e silenciosa, longe do que na linguagem perfida dos Machiavellos se chama, por que alguma coisa se lhe havia chamar, direcção illustrada do espirito publico!

Que talento provado nas boas-letras tem escapado em Portugal ao tonel das Danaïades de jornal politico? A João d'Andrade Corvo chegou tambem a sua vez em 1847, e é n'esta nova phase da sua vida intellectual que o iremos acompanhando, sem termos, felizmente para nós, que apontar n'elle as acrobaticas evoluções com que tantos outros têm deleitado as trincheiras apinhadas de espectadores dos jogos icarios da politica.

Pede, porém, a ordem regular d'esta narração, que não confundâmos na mesma critica trabalhos de indole diversa, e por isso reservâmos para o proximo numero d'esta Revista a apreciação do character de João d'Andrade Corvo como jornalista politico, fechando este estudo, como é de razão, com a analyse do que vale o nosso amigo como homem de sciencia.

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM